

DE NICOLAU MAQUIAVEL A ZANOBI BUONDELMONTI
E COSME RUCELLAI

SAUDAÇÕES

Envio-vos um presente que, se não corresponde às dívidas que tenho para convosco, é, sem qualquer dúvida, o maior que Nicolau Maquiavel poderia mandar-vos. Porque nele expressei aquilo que sou e tudo quanto aprendi – através de uma longa prática e contínuo estudo – das coisas do mundo. E, não podendo nem vós nem outrem exigir mais de mim, não vos podeis melindrar de não vos ter dado mais. Podeis bem lamentar-vos da pobreza do meu engenho, quando estas minhas narrativas deixarem algo a desejar; e da falácia do julgamento, quando, em muitas partes, dis-correndo, me enganar. O que, assim sucedendo, não sei qual de nós tenha de ser menos grato à outra parte: ou eu a vós, que me haveis forçado a escrever aquilo que eu, por minha própria iniciativa, jamais teria escrito; ou vós a mim, quando, ao escrever, não vos tenha satisfeito. Recebei isto, portanto, daquele modo como se aceitam todas as coisas vindas dos amigos, onde sempre se considera mais a intenção de quem envia do que a qualidade da coisa que é enviada. E podeis crer que, neste caso, tenho uma só satisfação, quando penso que, embora me tenha enganado em muitas das suas circunstâncias, apenas nesta estou consciente de que não errei, por vos ter escolhido, acima de quaisquer outros, para dedicar estes meus Discursos: primeiro, porque, com esta obra, me parece ter mostrado a minha gratidão pelos favores recebidos; depois, porque julgo que fiz algo que não é usual ser feito por aqueles que escrevem, os quais sempre preferem dedicar as suas obras a um príncipe; e, cegos pela ambição, tecem louvores às suas virtuosas qualidades, quando de todos os vitupé-rios os deviam acusar. Daí que eu, para não incorrer neste erro, escolhi não aqueles que são príncipes mas os que, pelas suas infinitas qualidades, bem o mereciam ser; não aqueles que poderiam acumular-me de títulos, de honras e de riquezas, mas aqueles que, não podendo, desejariam fazê-lo. Porque os homens, querendo julgar com direitura, têm de estimar aqueles que são – não aqueles cuja fortuna lhes permite ser – generosos, e, de igual modo, os que sabem, e não os que, sem o necessário saber, têm a

oportunidade de governar um reino. E os historiadores louvam muito mais Híeron de Siracusa, enquanto simples cidadão, do que Perseu da Macedónia enquanto rei, porque para Híeron ser príncipe não lhe faltava senão o principado, enquanto que o outro nada tinha de rei senão o reino. Desfrutai, portanto, o bem ou o mal que vós próprios haveis desejado. E, se persistirdes no erro de achar que estas minhas opiniões são dignas da vossa atenção, não deixarei de prosseguir o resto da história, conforme de início vos prometi. Até sempre!